

Beatriz Wajntal Meme

Nº usp: 11219769, Vespertino

Email: biawmeme@usp.br

Trabalho apresentado na disciplina de psicologia da educação da Faculdade de
Educação da USP

Orientadora: Ana Laura Godinho Lima

Quando se olvida a vida:

Realidade das favelas paulistas

1. Introdução

O texto a seguir visa retratar a realidade das favelas de São Paulo, por meio da análise do livro Quarto De Despejo de Carolina Maria de Jesus. Pegarei emprestado os óculos da autora, que por se encontrar imersa nessa realidade, apresenta com maior prioridade as mazelas sociais ali existentes. Busco estabelecer um diálogo entre os problemas apresentados no texto da autora citada acima, para dar base a uma discussão que aborde os problemas que as favelas paulistas estão enfrentando em meio ao contexto da pandemia, momento em que se tensionam problemas sociais, os mesmo que são retratados no texto de Carolina: machismo, racismo, fome, miséria, desigualdade, uma política defasada, falta de atendimento médico, pouca infraestrutura, exposição à trabalhos precários, entre outros pontos.

Para isso, irei me utilizar de um material produzido pela agência Mural de Jornalismo, que criou matérias jornalísticas e podcasts, nomeados “Em quarentena”, voltados para oferecer à população, relatos de pessoas que vivem nas favelas e as principais dificuldades que estão enfrentando em meio a pandemia. O objetivo do jornal é tornar visíveis as desigualdades e denunciar para o poder público, que finge não as ver. Para isso eles cobrem a crise do ponto de vista dos moradores da periferia, para dar voz à essas pessoas, pois eles, como Carolina, vivem na pele a realidade, e por isso são os que mais têm propriedade para falar do assunto (O vírus da desigualdade, 2020). Reconheço a importância de utilizar-me desses relatos, tanto quanto dos relatos de Carolina para denunciar essa realidade, pois não é meu lugar de fala. Os podcasts constituem parte essencial do trabalho, já que escancaram os problemas que existem nas favelas de São Paulo.

Escolhi esse livro, pois já tinha ouvido falar sobre ele de forma muito positiva no Ensino Médio e já havia um tempo que tinha curiosidade de lê-lo. Dessa forma, aproveitei a oportunidade do trabalho para poder adentrar mais nesse mundo. Acredito na força e na importância que esse livro tem para pensarmos nas desigualdades, que ficam mais evidentes no momento político em que vivemos, dado que o presidente da república governa para os ricos e brancos, de forma a tornar as desigualdades mais escancaradas e desfavorecer mais ainda essas pessoas que vivem no Quarto de Despejo. Para além disso esse livro ganha um peso diferente em meio a epidemia do Coronavírus, em que tudo o que Maria fala fica ainda mais visível e todas as dificuldades que as pessoas vivem diariamente se tornam ainda mais desafiadoras. Podemos dizer que quanto menor a renda, maiores são os impactos econômicos das medidas do isolamento social.

Como optei por realizar um estudo que busca analisar os relatos de outros indivíduos sobre o seu mundo e suas próprias realidade, considero ser importante trazer as discussões abordadas sobre as teorias do desenvolvimento. Isso porque todos os relatos e a sensação sobre esse mundo que vivemos, foram mediadas por a vivência que essas pessoas tiveram e o que elas presenciaram em seus processos de desenvolvimento para criar tais ideias. Diferentemente do contato usual que costuma-se fazer desses textos para abordar o desenvolvimento subjetivo, eu quero identificar neles as realidade sociais e como são condicionadas conforme as experiências dos indivíduos. A junção do relato com teorias busca criar um diálogo complementar, já que os relatos conseguem abordar justamente o que se encontra nas entrelinhas que as teorias redondas e formatadas muitas vezes carecem de demonstrar como a influência da cultura, da sociedade e as oportunidades de cada indivíduo e como essas alteram o seu desenvolvimento.

2. Apresentação da obra

O livro Quarto de Despejo conta a história de Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, periférica, mãe solteira de 3 filhos que luta diariamente pela vida tentando ganhar dinheiro catando papel; “[...]meu saco de catar papel, um saco que para mim tem valor inestimável, por que é por seu intermédio que eu ganho o pão de cada dia” (JESUS, 1992, P.165). Moradora da favela do Canindé na década de 50, a autora retrata em forma de diário a dura realidade das pessoas que ali vivem, as mazelas sociais, preconceitos raciais e de gênero, fome e desigualdades... Isso só é possível pois o livro é contado na perspectiva de quem vive

nessa realidade, e não de pessoas externas. São poucos os livros que tratam de forma tão dura a vida na favela pois são poucas as pessoas que vivem nesse contexto que conseguem chegar na escola para aprender a escrever, por isso a maioria dos livros que relatam tal assunto são de uma visão externa e, muitas vezes, distorcida. Para além desse fator, o diário é de extrema importância, pois podemos ver que mesmo tendo se passado 70 anos, a situação dos favelados continua parecida, o que faz a obra atemporal, tornando o livro o retrato de uma luta constante pela sobrevivência daqueles que moram nas favelas.

A essa realidade que é tão denunciada na obra, está diretamente relacionado ao título do livro: “Quarto de despejo”,:

Quando estou na cidade tenho a impressão de estou na sala de visitas com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludo, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar em um quarto de despejo (p.37). [...]em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres que residiam nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos [...] (JESUS, 1992, p. 195)".

Em outro trecho, ela fala que quando vai à cidade sente-se como estivesse no paraíso, que ela serve para enganar os visitantes para eles não perceberem que São Paulo está enferma: a favela é a úlcera (JESUS, 1992). Para além das várias metáforas que Carolina se utiliza ao denominar as favelas de São Paulo como o quarto de despejo, ela deixa claro uma divisão estamental da sociedade brasileira, que é marcada por grande desigualdade e violência.

É visível nos relatos da autora uma hierarquia dos estratos social da mesma forma que Aluísio de Azevedo expõe no livro “O Cortiço”: temos o político que é o que mais se beneficia de tudo, encontra-se acima e tem poder e dinheiro, em seguida o repórter que trabalha na cidade e ocupa a classe média. Abaixo dele se encontra o cobrador de luz e de conta que explora dos favelados e por fim, a posição de Maria que está dentro da favela sendo explorada por todas as outras camadas acima dela. Na analogia com O Cortiço ela ocupa o mesmo lugar que os moradores, o cobrador da luz seria João Romão que visa ascender socialmente e inveja o Miranda, que na história de Maria Carlina ocupa o lugar do prefeito, rico e grande proprietário de terras. Mesmo a história de Carolina se passar quase um século

depois daquela relatado por Azevedo (1890) é possível ver que o sistema de hierarquia se repete, algo que Maria tenta denunciar por meio da escrita.

3. Um pouco sobre a autora¹

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914 e morreu 13 de fevereiro de 1977. O seu livro mais famoso é Quarto de de Despejo, apesar dela ter publicado mais seis livros. Ela foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil, fator que escancara uma grande desigualdade estrutural que nosso país carrega. Viveu a maior parte da sua vida na favela do Canindé, sustentando seus três filhos catando papel. Falar sobre a vida da autora é o que o diário faz em toda a sua extensão, por isso nesse tópico vou me deter um pouco mais sobre o que antecedeu a escrita do diário.

Carolina nasceu em Minas Gerais, era filha de um homem casado e foi maltratada na infância. Com sete anos sua mãe a levou para escola sendo financiada por um rico fazendeiro, de forma que ela cursou 2 anos o ensino básico, suficiente para aprender a ler e escrever. Sua mãe faleceu quando ela tinha 23 anos o que a levou a se mudar para São Paulo em busca da promessa de uma vida melhor. Construiu sua própria casa e começou a trabalhar como empregada doméstica na casa de um cardiologista que permitia que ela lesse seus livros. Dez anos depois, começaram a surgir as favelas, e por estar desempregada e grávida do seu primeiro filho João José, Maria teve que se mudar para o Canindé. Lá ela dará à luz para José Carlos e Vera Eunice. O Diário se inicia 2 anos depois do nascimento de sua caçula.

4. Relação da autora com a leitura e a escrita

Mesmo com a pouca escolaridade, a autora valorizava muito a escrita, pois essa era uma forma de escapar da dura realidade, além de denunciar tudo aquilo que ela vivia: *“Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia meu diário (JESUS, 1992, p.195)”*. É visível que escrita de Carolina também se relaciona com a política e a necessidade de levar para o mundo a realidade daquilo que se encontrava no Quarto de despejo da cidade de São Paulo.

¹ Informações retiradas do prefácio e posfácio do livro, escritas por Audálio Dantas, na décima edição de 2014, distribuída pela editora Ática.

Maria compreendia a importância social da leitura e valorizava muito aqueles que sabiam ler e escrever, e gostava de poder fazer também. Uma das cenas que esse apreço fica presente, é quando ela fala sobre seu hábito de ler antes de dormir: “*Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem*” (JESUS, 1992, p. 24). A leitura para Carolina também era uma forma de dar fertilidade para a imaginação e criar um mundo em que espaço-tempo se interligavam sem as duras fronteiras do dia a dia. Era um exercício de se perder na imaginação com inúmeras possibilidades. A fertilidade da sua imaginação se relaciona com o conceito empregado por Vygotsky (1930) sobre imaginação, ou seja, a junção das suas referências de vida, com as possibilidades que o mundo do livro lhe dava, era um jeito de se desligar da vida que lhe cercava.

Pensando em mostrar a realidade com mínimo de interferência possível, o repórter Audálio Dantas, que publicou a obra, buscou manter os erros de ortografia, marcas de oralidade e a linguagem simples e objetiva que a escritora usava em seu diário. É uma tática que busca causar desconforto ao “outro” para que se torne mais real toda vida desconfortante que Maria viveu. Outra observação sobre a escrita é o uso de muitas orações com ponto final e a divisão em muitos capítulos, o que torna a história truncada, pouco fluida, causando um desconforto a quem lê.

No posfácio do livro escrito por Dantas, ele traz algumas citações da autora sobre o interesse e a significação da literatura. Ela declara que seu amor pela literatura lhe foi inculcado por uma professora, que lhe aconselhava ler e escrever tudo que surgisse em sua mente. Apesar de ser uma passagem curta, é notória a admiração e respeito que ela tem por aqueles que lhe ensinaram. Ela diz também que a transição de sua vida foi impulsionada pelos livros, que é por meio desses que ela adquiriu boas maneiras e formou seu caráter. Pegando emprestado os olhos de Vygotsky (*A interação entre aprendizado e desenvolvimento*, 1978) para analisar a relação de Maria Carolina de Jesus com a escrita e leitura, podemos dizer que houve uma mediação da professora para com o mundo de Carolina que lhe foi muito marcante. A professora viu uma potencialidade nessa menina e instigou o seu desenvolvimento por meio de uma mediação; essa ocorreu tanto por parte da professora, como também pela própria função social da escrita. A Carolina reconhece que foi por intermédio dos livros que ela adquiriu uma boa formação e caráter, ela compreende como

esses tiveram a função de mediar as suas ações e ambições para ela não se “transviar”², o que criou uma outra forma dela se relacionar com o mundo que lhe circunda (JESUS, 1992, P.195).

A forma que Maria Carolina valorizava os livros e a escrita, criou um ambiente na sua casa de apreço à uma cultura culta. É possível ver isso em alguns momentos de seu livro, em que ela se preocupa muito com: o tipo de influência que os vizinhos vão trazer para suas crianças, as condições insalubres da favela e também a partir da valorização da leitura, que ela busca inculcar em suas crianças. Piaget (1978) fala: “ *Ora, um meio adulto sem dinamismo intelectual pode ocasionar um atraso geral no desenvolvimento das crianças*” (p.351). Por meio desse trecho, podemos analisar 3 realidades presentes na vida de Carolina. A primeira é a sua própria infância, por ela ter tido a oportunidade de estudar em uma escola que lhe fez começar a valorizar a leitura e depois por ter trabalhado na casa de um médico, que lhe permitia acessar sua biblioteca. Foram as condições sociais que lhe possibilitaram um dinamismo intelectual. A segunda é o dinamismo intelectual que ela busca influenciar nas suas crianças ao valorizar a escola e a escrita. Por fim podemos pensar na discussão que aborda o contexto social e a influência do meio extrafamiliar. Carolina reconhece que a cultura intelectual na favela não é valorizada socialmente. As pessoas pouco tem a oportunidade de entrar em contato com a escrita, daí vem sua preocupação de manter seus filhos longe das influências que lhes circundam na favela, um espaço em que a diferença da vida privada para a social é mantida por uma parede muito fina.

Fica claro como o desenvolvimento da inteligência depende das nossas experiências e influências sociais. Apesar de pouco se abordar o Piaget nessa linha de pensamento, em muitos momentos do seu texto ele coloca como o meio interfere no desenvolvimento das crianças. Piaget, em “Princípios da educação e dados psicológicos” (1969), assinala que a criança responde diferentemente conforme o meio escolar e familiar, apesar de não tratar das respostas que estão ocasionadas pelo meio e que transcendem essas duas instituições, como faz Carolina. Piaget mostra que tanto fatores externos quanto internos intervêm continuamente na maturação da criança. A inteligência depende das nossas experiências e o tipo de oportunidade que tivemos ao longo das nossas vidas. Para além disso também advém do tipo de ação que empenhamos para nos desenvolver. O meio adulto que abre brecha para o

² Termo utilizado pela própria Carolina na página 195 na edição de 2014 da editora Ática.

dinamismo intelectual, um espaço que permita o diálogo, questionamentos e reflexões seria aquele mais fértil para o desenvolvimento. Isso fica visível na escrita reflexiva que Carolina emprega no seu diário.

5. Reconhecimento da importância da escola

Durante diversas passagens do texto a autora expressa a importância da escola para ela e para a educação dos filhos. Ela constantemente enfatiza a importância do filhos frequentarem a escola e reconhece este como um espaço de possível ascensão social: *“estou contente com meus filhos alfabetizados. Compreendem tudo. O José Carlos disse que vai ser um homem distinto e que eu vou tratá-lo de Seu José. Já tem pretensões: quer residir em alvenaria³.”* (JESUS, 1992. p.140) Nessa passagem ela mostra uma quebra com as teorias evolucionistas que vigoravam no século XIX, já que para ela a escola tinha sim capacidade de aprimorar o conhecimento e desenvolver inteligência, permitindo mudança social, algo que não era predeterminado geneticamente. (GOUVÊA E GERKEN, 2010)

Mesmo Maria só tendo dois anos de experiência escolar, ela faz o possível para que seus filhos tivessem mais oportunidades que ela e pudessem educar-se na escola local. Em uma passagem muito expressiva com relação a esse seu ponto de vista, é quando Carolina afirma que os homens que cometem erro são aqueles que estão viciados na opinião pública, é por isso que manda constantemente os seus filhos estudarem, pois para Carolina só a escola evita cair no senso comum. O valor que ela dá para a educação também fica explícito quando ela coloca a importância da reunião da escola com os pais e, mesmo que tendo que trabalhar, ela diz ter a pretensão de ir.

A escola relatada no texto carrega um caráter extremamente religioso. Em uma cena em que Carolina questiona duas mulheres se elas sabem ler, elas lhe respondem perguntando se ela é padre, fator que demonstra a instituição religiosa como aquela que legitima o aprendizado. Diferente de hoje, em 1950 as instituições religiosas ainda compunham grande parte da educação. Apenas em 1988, com a Constituição Federal, que se foi imposto o ensino laico. Para além dessa passagem, com alguma frequência se discorre sobre as aulas de catecismo que ocorrem na favela, cujo o padre aparecia para falar de procissão às crianças. A

³ Casa de alvenaria são aquelas construídas com insumos como cimento, água, tijolos cerâmicos ou blocos de concreto e representam a escolha mais comum no Brasil. Informação disponível em: Acesso 30/7/2020 <https://projetos.habitissimo.com.br/projeto/construcao-com-madeira-ou-alvenaria-o-que-e-melhor>.

educação religiosa reflete a devoção das crianças à religião, isso fica visível em uma fala de Vera Eunice, após ganhar uma boneca: “*ela ia rezar todos os dias para a mulher se feliz. Que vai ensinar a boneca a rezar e vai levar na missa para ela rezar para a mulher ir para o céu*”. (JESUS, 1992, p.146)

A despeito da religiosidade presente na favela, em uma das visitas do padre e de suas aulas públicas que são realizadas para toda a população do morro, ele afirma que as pessoas da favela deveriam ter mais filhos. Carolina fica indignada com isso pois na favela é onde se tem mais pobreza e é mais difícil de se alimentar crianças e garantir-lhes boas condições de vida. Vemos por parte dela uma preocupação com as crianças, um cuidado para zelar com seu desenvolvimento, fator que Norbert Elias discute no texto “A civilização dos pais”. Ele coloca que o cuidado com a criança é algo que vem se intensificando ao longo dos séculos, antes os pais que não tinham como alimentar essas crianças acabavam por descartá-las em forças ou rios. Por isso que para Carolina não é a favela que deve ter mais filhos, mas sim as pessoas da cidade que vão ter como alimentar-lhes e prover-lhes de um bom cuidado. “*Os pais, [...] que se preocupam com a educação dos filhos, merecem mais honra do que aqueles que apenas os fazem nascer. A família e a escola juntas tiraram as crianças da sociedade dos adultos.*”⁴ (ELIAS, 2010, P.9).

A importância da escola também é reconhecida em um momento em que João seria detido pelo juizado de menor e Maria expressa que os Juizes não têm capacidade de formar o caráter das crianças. O juizado degrada a moral pela forma brutal e impiedosa de lidar com as crianças. O papel de formação deveria, portanto, ser da escola. Além disso ela coloca aqui uma visão da escola como aquela que liberta, cria a moral de forma delicada e não violenta, e que tem cuidado e carinho para a formação das crianças. Ao dizer que o Juizado de menores é bruto e incapaz de ensinar ela emprega, por contraposição uma leveza ao ensino.

A escola, além de ser o espaço que ensina é aquele em que se preserva a infância das crianças, uma infância que deve ser delicada e libertadora, diferentemente daquilo que se impõem à vida da favela:

“Eu não deixo João sair. Ele passa o dia lendo. Ele conversa comigo e eu já vou revelando as coisas inconvenientes que existe no mundo. Já que o meu filho já sabe

⁴ Uma sociedade dos adultos para o autor é uma sociedade que a criança não deve participar ativamente, pois ela é obscura e violenta, contendo coisas que as crianças na mais tenra idade, não devem presenciar.

como é o mundo, a linguagem infantil entre nós acabou-se. (...) Eu pretendia conversar com o meu filho as coisas sérias da vida só quando ele atingisse a maioridade. Mas quem reside na favela não tem quadra tem vida. Não tem infância, juventude e maturidade.” (JESUS, 1992, p. 91 e 92)

Trazendo Elias (2010) novamente para a discussão, Maria Carolina explicita o mesmo que o autor ao dizer que por ser pobre e viver na realidade da favela que lhes cerca é mais difícil preservar essa infância e apartar as crianças da vida violenta de seu entorno. Dessa forma podemos dizer que apesar de se preocupar com o desenvolvimento dos seus filhos e reconhecer o espaço da escola como aquele que protege dessa vida adulta, ela denuncia também que isso é mais difícil de ser feito na favela, se comparado com a vida na cidade das pessoas com mais recursos.

Durante a pandemia, moradores da favela vem relatando a dificuldade de manter um ensino a distância. Algumas mães dizem que muitas vezes é preciso acompanhar o filho o dia todo enquanto ele aprende. Outras mães não tiveram acesso ao ensino e não tem o manuseio da língua escrita, como elas serão capazes de auxiliar? Relatam também muitas vezes a inviabilidade de aplicar o EAD pela falta de acesso a internet, muitas vezes a banda larga não cobre as favelas e as pessoas não tem dinheiro para pagar um roteador. Podemos pensar isso na realidade de Maria Carolina em termos da impossibilidade dela acompanhar os filhos em suas tarefas, pela sua necessidade de sair diariamente para trabalhar catando papel.

6. Realidades, preconceitos e mazelas sociais

A autora, em grande parte de sua obra, detém-se em fazer uma denúncia daquilo que ela vive, abordando todos os preconceitos que existem dentro da favela, criticando os políticos e o sistema em que estamos inseridos, colocando inúmeras vezes a questão da fome, do trabalho árduo, da deficiência dos serviços sociais e dos preconceitos machistas intrínseco em nossa sociedade. Por isso vou me dedicar em refletir sobre cada uma dessas temáticas que ela traz, tentando fazer um paralelo com aquilo que estamos vivendo atualmente em meio a pandemia, momento em que as desigualdades sociais estão ainda mais evidentes.

Como a autora relata é preciso sair todos os dias para catar papel, pois ela não tem um dinheiro guardado para sobreviver, todo centavo conquistados nos seus dias lhe são preciosos. Podemos pensar como que uma pessoa que vive nessa realidade, e muitas ainda vivem,

podem fazer quarentena? Como esperar que essas pessoas fiquem em isolamento dentro de suas casas, se elas precisam sair todos os dias para garantir alimentação? Essa é umas das situações retratadas no Episódio “auxílio de 600 reais do governos”, que retrata a dificuldade econômica que a pandemia traz, pois muitas pessoas foram demitidas. No entanto as pessoas ainda tem o aluguel para pagar, bocas para alimentar, mas o dinheiro lhes falta.

Para “resolver” isso, o governo criou um auxílio de 600 reais para aqueles que perderam a renda, mas os moradores relatam que está longe de ser o suficiente para suas necessidades. (EM QUARENTENA, 2019)

No episódio “Como Paraisópolis e Heliópolis estão combatendo o Coronavírus” do programa Em Quarentena da agência Mural, uma fala de Gilson Rodrigues (2020), líder comunitário da favela Paraisópolis, deixa bem claro como a pandemia escancara as desigualdades sociais. Ele fala que nesse cenário, vemos dois Brasis, um do home office, da quarentena, do álcool gel e da máscara; e um brasil em que a fome está chegando, que mora em cima dos córregos, que estão sendo demitidos e que muitos precisam circular e se expor para ir ao trabalho, que não podem fazer a quarentena porque precisam de renda para sobreviver. É visível que a crise tenha chegado para todos ao mesmo tempo, mas não da mesma maneira. Ela tem a capacidade de reafirmar e amplificar o impacto das desigualdades sócio-econômicas. Desigualdades que desde sempre varremos para debaixo do tapete coletivo, em uma tentativa de ignorá-la e ocultá-la.

A respeito da necessidade de fazer isolamento, podemos pensar em outro problema que Carolina também traz em seu texto: as casas nas favelas ficam todas muito perto uma das outras, de forma que a disseminação se torna muito propícia. Além disso, vivem muitas pessoas nos cômodos, o que gera superlotação. *“O espaço é muito reduzido, as famílias se aglomeram em cômodos menos espaçosos, criando grande proximidade das pessoas da favela. O distanciamento social se torna um fator risório”*(relato de um morador presente no podcast “como é viver na favela durante a pandemia”, EM QUARENTENA, 2020).

6.1 Política e desigualdade social

Podemos dizer que o texto “Quarto de despejo” é muito político. Carolina de Jesus (1992) constantemente se preocupa em denunciar os governadores e presidentes, e reconhece a importância da democracia e do voto. O livro se passa em 1955, época em que o presidente

Juscelino Kubitschek foi eleito. Logo no início do livro podemos ver uma espécie de esperança na fala da mulher quanto a mudança política, em que ela diz que os políticos são capazes de extinguir as favelas, que eles são capazes de tirá-la de lá. Mas, depois disso, ela adota uma posição diferente, com um caráter mais de denúncia dessas pessoas que se encontram no poder e nada fazem em prol dos favelados. Em inúmeras passagens ela reclama que os políticos só dão as caras nas favelas em épocas de eleição, prometem muitas coisas e são amigáveis com os moradores, mas quando chegam ao cargo não criam nenhuma política em prol dos moradores.

O mesmo discurso está presente nos relatos dos moradores das favelas em meio a pandemia. Irani da Silva Guedes relata que os políticos só dão as caras em tempos de eleição, e no momento que mais precisam de políticas públicas para superar a pandemia, a região fica abandonada e esquecida pelo Estado, nenhum órgão público apareceu para fazer uma boa ação ou para ao menos saber as condições de vida que eles estão enfrentando. A palavra favela pouco tem aparecido nos noticiários e não é pronunciada pelos governadores, como se não existisse. (VELOSO, 2020). Dessa forma, está havendo um movimento nas favelas de solidariedade para que as pessoas possam se ajudar a passar por esse momento. Já que eles não recebem apoio do governo eles se articulam para fazer arrecadação de alimento e cesta básica, de álcool em gel, máscaras... (Podcast EmQuarentena, ep: iniciativas solidárias no combate do coronavírus).

Em outro trecho que fica claro a preocupação de Maria com relação a política é quando ela expressa: *“a democracia está perdendo seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. o dinheiro é fraco, a democracia é fraca e os políticos fraquíssimos e tudo o que está fraco morre um dia”*.(JESUS, 1992, p.39). Para além disso também tem um trecho muito significativo em que ela relata que acordar cinco da manhã para poder ir votar. Ambas passagens demonstram claramente a importância que ela dá para a democracia e a possibilidade de ter direito ao voto.

Apesar de toda a luta cotidiana pela vida, Maria Carolina de Jesus continua acreditando em um mundo melhor para os próximos que vão continuar nessa condição que ela vive. *“O povo não deve cansar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo”*(JESUS, 1992, p.54). Aqui a gente vê que ela reconhece o papel da população para uma mudança, ela reconhece que deve haver luta,

que o povo deve se levantar contra aqueles que governam para a elite e buscar um mundo novo para que as crianças do futuro habitem um Brasil com menos desigualdade.

6.2 Fome e miséria

Outro assunto que constantemente é trazido pela escritora é a fome e a falta de comida, e em um contraponto incoerente, o desperdício de muita comida pela classe alta. Constantemente ela relata os dias em que seus filhos não tem o que comer, os dias em que ela vai buscar verdura, ossos e frutas em feiras e açougue para fazer uma sopa rala para as crianças. A autora afirma que *“Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição digna”* (JESUS, 1992, p.29). E por essa perspectiva de vida que ela se mete em condições péssimas de trabalho para poder garantir alimentação aos seus filhos. Nesse contexto ela também reconhece a escola como o espaço que vai conferir merenda para as crianças.

O problema da merenda escolar é um tópico que muito vem se discutindo em período de quarentena, já que como as crianças não estão indo para escola, muitas não recebem essa alimentação que é obrigação do Estado conferir. Foi criado um vale alimentação para ajudar as famílias que estão em situações difíceis já que não tem renda, no entanto as únicas crianças que recebem a merenda são aquelas que fazem parte da bolsa família ou aquelas que são consideradas famílias de extrema pobreza, além de que precisa ter o cadastro único que depende da internet para ser criado, a qual muitas famílias não têm acesso. Temos que questionar tal medida já que todos os alunos matriculados deveriam receber o “auxílio”. Grafo auxílio entre aspas, pois alimentação não é auxílio e sim direito.

Uma cena muito chocante sobre hierarquia social e fome é relatada no dia 1 de julho (JESUS, 1992) do Diário de Carolina. Ela vai para uma fábrica e vê tomates jogados no chão, mas quando ela vai pega-los vê o gerente e se retêm pois ela sabe que ele não gosta que pegue, em seguida afirma que a humanidade prefere ver estragar do que deixar seu semelhante aproveitar. Nesta cena fica extremamente escancarado como as pessoas só pensam na própria existência. Isso gera uma ampla desigualdade social, pois mesmo tendo gente sem comer, continuamos constantemente desperdiçando toneladas de alimentos de comida. Em relação a isso, a autora (1992) diz que o brasileiro deveria ser governado pelas pessoas que já passaram fome, a fome é professora, e quem sente ela aprende a pensar no próximo e

sobretudo nas crianças. Nessa passagem ela expressa bem que a desigualdade é grande do jeito que é pois quem tem o poder continua pensando apenas em si e alimentando o sistema para que se perpetue a sua estrutura e não haja mudanças. O governo de Jair Bolsonaro deixa isso claro, dado que todas suas ações beneficiam ou sua família, ou a elite branca.

Nesse momento de pandemia podemos dizer que a fome se torna um problema ainda maior do que já era. As pessoas que não têm à sua disposição alimentos necessários para o seu dia-a-dia não têm nutrientes necessários para fortalecer sua imunidade. Com isso as possibilidades de contrair o vírus são maiores e também a possibilidade de lutar contra o vírus para sobreviver também se reduzem.

Em determinada passagem do diário é relatado que as pessoas que vasculham o lixo em busca de alimento tem vergonha. E mesmo elas fazendo isso diariamente elas negam sua condição de extrema pobreza e falta de alimento: *“as mulheres vasculham lixo procurando carne para comer. E elas dizem que é para os cachorros... Até eu digo que é para os cachorros”* (JESUS, 1992, p.105) Acredito que o mais importante que podemos tirar dessa cena é um reconhecimento de uma estrutura social que faz com que elas sintam vergonha da necessidade de ter que arranjar comida no lixo, mesmo todas elas sabendo que não vão dar para os cachorros- o leitor também sabe. É uma recusa da sua condição social e ao mesmo tempo uma tentativa de manter as aparências para uma suposta ascensão social, tanto almejada. No seu texto ela reconhece que as pessoas fingem que não moram na favela por terem desgosto da própria condição.

Podemos perceber que o dinheiro e os gastos diários são um tema que aparecem muito no livro. Ela registra em números aquilo que ela ganha por cada trabalho feito e quanto custa as coisas que ela compra. É uma ferramenta empregada para expressar a miséria e como ela tem que sobreviver com uma quantia mínima. A marca de quanto ela ganha tem um caráter de repetição, e é esse dinheiro escasso que a coloca na condição que está.

6.3 Racismo

Outro assunto abordado pela autora é o racismo social. No entanto ela traz para o seu texto duas reflexões importantes sobre ser negra: de um lado o reconhecimento dos privilégios dos brancos e os preconceitos que os negros sofrem simplesmente por terem a pele em um tom diferente. Por outro, ela também diz que ama ter sua pele preta, que gosta de seu cabelo.

Dessa forma Carolina desempenha um papel de extrema importância como escritora ao reconhecer o racismo estrutural que existe em nossa sociedade, mas ao mesmo tempo ela cria um discurso que acolhe sua negritude, que é um largo passo para desconstruir o racismo que existem nas literaturas.

Ao escrever sobre um dia que ela sofreu discriminação racial, ela diz: “ *esquecendo eles que eu adoro minha pele negra e meu cabelo rústico. Eu acho o cabelo negro mais inducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica*” (JESUS, 1992, p. 64). Trazer essa perspectiva do cabelo é muito significativa já que muitas pessoas negras sofrem discriminação pelo seu cabelo, e existe até um termo pejorativo para se referir aos cabelos crespos: “cabelo ruim”. Fico pensando em uma menina negra, que nunca teve em mão uma literatura que valoriza a beleza dos povos pretos, e como isso pode mudar a visão dela sobre si. Normalmente vemos na literatura uma hegemonia da beleza branca e uma desvalorização da aparência negra. Por isso é de extrema importância que as ideias de Carolina cheguem até essas meninas.

No entanto, vemos como a própria Carolina é influenciada por um pensamento social em que a aparência branca é mais bonita. Mesmo com o reconhecimento de sua beleza negra, em uma passagem, ao comparar dois meninos, ela descreve o branco como o bonito e o mulato como feio por ter um narigão, mas que a cultura branca criou um ideal de beleza oposto a esse: nariz fino.

Dito isso, agora me debruçarei pelo reconhecimento de Carolina (1992) no fato de que o branco é privilegiado simplesmente por ser branco. Creio que a passagem que mais se evidencia tal discussão é quando um menino da favela lhe diz que ela é muito bondosa e que gostaria de ser seu filho, e ela lhe responde: “ *se você fosse meu filho, voce era preto. E sendo filho de rosalina voce é branco*” (JESUS, 1992, p.104). Nessa passagem, mesmo não dizendo isso literalmente, fica claro que o menino sofre menos por não ser negro e por isso não deveria desejar ser seu filho, pois ela, sendo negra, vive muitos preconceitos: “*preto é perseguido porque a sua pele é da cor da noite*” (p.121).

Apesar do reconhecimento do privilégio do branco no Brasil, “*o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações*” (JESUS, 1992, p,70), ela julgar que o mundo está enfermeiro, porque nele existe grande desigualdade, por

isso ela tem orgulho de ser negra, por não ser sobre ela que recai tal culpa de um mundo desigual. Carolina percebe que os brancos se sentem superiores, no entanto não entende esse sentimento, já que para ela tudo que afeta os brancos afeta os negros também, “*a natureza não seleciona ninguém*” (JESUS, 1992, p.65). Aqui ela traz mais uma vez a discussão para uma visibilidade negra, já que para ela não existe supremacia, todos somos seres humanos e iguais, e a pele não deveria dizer nada sobre quem somos.

O texto de Gouvêa e Gerken (2010) aborda o determinismo racial com relação ao desenvolvimento individual do ser humano. O racismo que circundava tais teorias na época em que surgiram fundaram um discurso do desempenho eurocêntrico e racista, de modo a hierarquizar grupos humanos. As teorias evolucionistas carregava consigo uma ideia de que a inteligência era determinada geneticamente e que a escola não tinha poder sobre isso. A genética que favorecia os mais inteligentes era aquela em que os genes continham os padrões dos brancos. Como forma de justificar isso o discurso poligenista defendia que as espécies teriam se originado de genealogias distintas para poder afirmar a superioridade dos brancos com relação ao desenvolvimento humano, de forma que as características atribuídas à civilização eram aquelas que condiziam com a cultura eurocêntrica. Essas teorias legitimam o preconceito. No entanto, como a própria Carolina diz, utilizando um termo inclusive da biologia surgida e formulada por Darwin, na mesma época que surgiram as teorias raciais, “que a natureza não seleciona ninguém” por ser preto ou branco.

6.4 Machismo e a luta de gênero

No livro Quarto de Despejo também se discute o papel social da mulher. O machismo e os preconceitos de gênero ficam presentes em várias passagens de seus relatos. A primeira coisa importante de ser destacada é que Maria é uma mulher, mãe de 3 filhos e é solteira. Desta forma, a primeira discussão que o livro traz, apesar de não ser direta, é a condição de mães solteiras pois há muito abandono dos homens que não acreditam que têm responsabilidade sobre as crianças após engravidar as mulheres. Isso fica muito claro na relação de Vera Eunice, cujo seu pai aparece quase nunca, e quando vai é apenas para dar dinheiro. Não há uma preocupação em construir uma relação paternal com a sua filha.

Para continuar essa discussão, Carolina relata constantemente os preconceitos que ela sofre por escolher não ter marido, lhe falam que ela precisa de ajuda para poder se sustentar e

sustentar seus filhos e ela nega veementemente: “*Mas eu não preciso de homem*”(JESUS,1992, p.162). Ela diz que uma mulher livre que não tem compromisso pode ir de mão e mão para vários homens e por isso não se casa. Há uma mentalidade feminista que mulheres podem ficar sozinhas e que elas não precisam de homem para serem felizes. Ela diz que prefere não ter um homem e ter que bancar seus filhos sozinha do que perder sua liberdade, discussão muito feita pelas sufragistas quando lutavam pelos direitos das mulheres.

Ao tratar de gênero e política a autora também faz uma observação a respeito de só ver nomes masculinos como defensores da pátria. Essa é uma discussão que se encontra presente até agora reiterando o caráter atemporal da obra, já que o Brasil é um dos países que menos tem parlamentares mulheres. Temos uma mesa de deputados federais composta com apenas 10,5% de mulheres (PAINS, 2019). Essa diferença ficou ainda maior no governo Bolsonaro, um governo sexista e machista, que conta com apenas 2 mulheres dentre os 22 ministros. Para além do machismo no cenário político, Carolina também traz a face do machismo social que violenta inúmeras mulheres no mundo. É constante as passagens de seu livro em que narra seus vizinhos espancando as mulheres e os filhos, mais um fator que demonstra como as discussões que ela aborda em seu livro, mesmo tendo corrido na década de 50, se fazem muito atuais.

Essa discussão se coloca muito presente em período de quarentena em que os índices de violência doméstica não param de crescer. Em um episódio do podcast “Em quarentena” se discute esse crescente índice. Nele se explicita que a crise econômica, social e política agrava a situação da violência. É interessante a forma que ele traz o espaço da casa como aquele que se torna perigoso para as mulheres, quando esse deveria ser o espaço que seria mais seguro contra o vírus que se encontra do lado de fora. Para agravar a situação, em tempos de de pandemia a dificuldade do atendimento dessas mulheres que já era grande e negligenciada, aumenta. As pessoas não confiam na estrutura que o Estado oferece para abrigar tais mulheres vítimas de violência doméstica. Por conta do isolamento social, as mulheres estão sendo obrigadas a viverem em casas, isso somado com a dificuldade da vida social acaba por favorecer um comportamento agressivo. Mesmo com o aumento, não está havendo mobilização do estado para resolver. Apenas falam da denúncia online, que não atende a todos pois muitas das mulheres não têm acesso a internet, ou não são alfabetizadas.

7. Conclusão

Carolina, como escritora-personagem, consegue abordar quase todas desigualdades e problemas sociais, pois faz parte de muitas minorias: mulher, pobre, negra, trabalhadora e mãe. Ela se reconhece nesse mundo que vive, mas não o aceita, ela questiona, coloca em um diário para que todos possam engolir com a garganta seca as mazelas sobre as quais ela discorre. Ela espeta constantemente os leitores que, provavelmente, estão no sofá de suas casa, no conforto enquanto lá fora todas as tragédias estão acontecendo. Para tonificar sua crítica, ela diz constantemente que os animais devem ser mais felizes, que devem viver melhor, que são mais espertos por não se deixarem submeter aos seus iguais, simplesmente porque entre eles não há desigualdade. Ela coloca os animais como superiores quando diz que não passa de um objeto fora de uso. Mas ao mesmo tempo ela se utiliza de várias metáforas para se comparar aos animais quando fala que está vasculhando o lixo e vê um animal comendo a mesma comida que ela busca, ou quando afirma que os marginais não tem nome por não serem reconhecidos como seres sociais, se igualando a bestas.

Sendo uma obra que busca mudança, que ela mesma considera como uma tentativa de tornar o mundo melhor, considero que se Carolina tivesse a oportunidade de ver o que veio acontecendo no Brasil desde sua época, acho que ela ficaria muito decepcionada com os rumos que tomamos. Constatar que mesmo após 70 anos de suas escritas muitas coisas estão como eram e algumas ainda piores por serem acentuadas pelo COVID-19.

Por fim, acredito que a obra me influenciou como professora no sentido que temos acreditar que a nossa ação pode vir a fazer diferença na vida dos nossos alunos, e que temos que acreditar e insistir neles, mesmo que todas as condições sejam desfavoráveis. No entanto temos sempre que tomar cuidado para não cair no discurso da meritocracia que justificaria Carolina ter conseguido ascender socialmente porque foi muito batalhadora sua vida toda. Apesar de ela ter acendido, todos sabemos que essa história termina com ela morrendo sem ter saído da extrema pobreza, apesar de ter saído da favela. Temos que acreditar no nosso potencial como educadoras, mas ao mesmo tempo temos que lembrar que o ambiente condiciona a vida das pessoas, e que não basta esforço. Não adianta apenas professoras incríveis, se o sistema que legitima essa desigualdade não mudar.

8. Bibliografia

AZEVEDO, Aluísio. 1890. **O cortiço**. 5ª ed. São Paulo: Harbra, 2009

ELIAS, Norbert. 2010. **A civilização dos pais**. In : Au delà de Freud: sociologie, psychologie, psychanalyse. Paris, Éditions la découverte.

EM QUARENTENA. **Agência mural de jornalismo**, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1GAkm0CODzYecNz90K8nLD?si=XCJCGfFTTWrbfJR2S4sA> e <https://www.agenciamural.org.br/coronavirus/>. Acesso em 30/7/2020

GOUVÊA, Maria Cristina Soares.; GERKEN, Carlos Henrique Souza. **A biologização do mundo**. In: Desenvolvimento humano: história, conceitos e polêmicas. São Paulo: Cortez, 2010.

JESUS, Maria Carolina de. 1992. **Quarto de Despejo**: Diário de uma favelada. 10ªed. São Paulo: Ática, 2014.

PAINS, Clarissa. Brasil tem menos parlamentares mulheres do que 151 países. **O Globo**, 2019. Rio de Janeiro. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-tem-menos-parlamentares-mulheres-do-que-151-paises-22462336> Acesso 30/7/2020

PIAGET, Jean. **O tempo e o desenvolvimento intelectual da criança**. In: Problemas de Psicologia Genética. São Paulo: Abril, 1978.

PIAGET, Jean. 1969. **Princípios de educação e dados psicológicos**. In: Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1998.

VELOSO, Lucas. Favelas invisíveis. Agência mural, 2020. São Paulo. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/especiais/favelas-invisiveis-sao-paulo-covid-19/>. Acesso 2/8/2020

VYGOTSKY, L.S. 1978. **Interação entre aprendizado e desenvolvimento**. In: A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. 1930. **Criatividade e imaginação; Imaginação e realidade; O mecanismo da imaginação criativa**. In Imaginação e criatividade na infância. Lisboa: Dinalivro, 2012.